TER
TRADUÇÃO

RELÍQUIAS DO "VALE PERDIDO": DISCURSOS SOBRE A MAGIA DAS MÁSCARAS

DOI
10.11606/issn.2525-3123.gis.2022.185773

DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS, PERFORMANCES E RITUAIS

Kuhn, Konrad J. 2015. Relics from the «Lost Valley»: discourses on the magic of masks. In: Minniyakhmetova, Tatiana; Velkoborskà, Kamila. *Rituals in Magic and Magic in Rituals*. Innsbruck: ELM Scholarly Press, 203-212.

ANDRESSA FURLAN FERREIRA
ORCID
https://orcid.org/0000-0002-4790-239X
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 13083-859 – cpgiel@iel.unicamp.br

RESUMO
Este artigo mostra como a "magia da máscara" é uma narrativa importante e dinâmica que fortalece a vivacidade dos rituais e a atenção do público. A partir do exemplo dos *Tschäggättä*, máscaras carnavalescas da região do Vale de Lötschen, situado no cantão de Valais na Suíça, este trabalho aponta para a importância de interpretações científicas para: discursos populares sobre a magia das máscaras; formulação de discursos locais; imagens turísticas e autorrepresentativas atualmente. Máscaras que funcionam como "relíquias de tempos antigos" são objetos altamente valorizados por identidades comunitárias frágeis numa região alpina.

PALAVRAS-CHAVE
Máscaras carnavalescas; Discursos sobre magia; Interpretações de estudos folclóricos; Narrativas populares; Vale de Lötschen, Suíça; 1900–2014.

POR TRÁS DAS MÁSCARAS

[prefácio da tradutora][1]

A GIS – Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia, ao promover o dossiê *Religiões: suas imagens*,

1. Andressa Furlan Ferreira é doutoranda em Linguística Aplicada pela Unicamp, sob orientação da professora Dra. Érica Lima. Linha de pesquisa: Linguagens, Transculturalidade e Tradução.

performances e rituais, oferece um espaço multifário para que a Antropologia das Religiões dialogue com as áreas de Cultura Visual e Estudos Culturais. Pensar os modos visuais de atuação de uma religião[2] permite que se identifique não somente os componentes hegemônicos religiosos, mas também os aspectos populares que regem essa dinâmica e adentram outras esferas sociais, como o setor turístico, que explora a relação entre festividade de caráter étnico-religioso[3] e tradição inventada. Nesse sentido, o folclore apresenta-se como uma rica amálgama que dispõe de usos variados de religião, tradição e arte. O folclore natalino e o folclore carnavalesco de regiões alpinas, por exemplo, compartilham características que ilustram a imbricação dessas questões e são projetados para outros locais.

O folclore carnavalesco do Vale de Lötschen (Suíça) foi objeto de estudo de um artigo de Konrad Kuhn, professor assistente de Etnologia Europeia, da Universidade de Innsbruck (Áustria), cuja pesquisa tem ênfase em História da Ciência do Folclore, Antropologia da política, ritualística e memória cultural. O artigo em questão foi publicado nos anais da 10ª conferência da *Société Internationale d'Ethnologie et de Folklore* (Sociedade Internacional de Etnologia e Folclore) e destaca a relevância dos discursos sociais para se constituir uma identidade comunitária, bem como promover uma circulação econômica pautada em narrativas de fundo religioso. Especificamente, os *Tschäggättä*, personagens carnavalescos mascarados, encontram-se no cerne desses discursos, o que contribui para a propagação de crenças antigas e mágicas.

Apesar de o artigo de Kuhn tratar de uma festividade que ocorre num vale suíço, o substrato cultural que permeia suas performances encontra paralelos no Brasil,

2. Para essa discussão, refiro-me a um sentido lato de religião, de maneira que o termo não se restrinja às religiões institucionalizadas, mas que abarque também outros tipos socioculturais de manifestação ou expressão religiosa, como religiões descentralizadas, religiosidade, tradição ritualizada, espiritualidade, entre outros.
3. O Ministério do Turismo do Brasil publicou um livro em 2010, fornecendo orientações básicas sobre turismo cultural, seus tipos, conceitos e estratégias para o desenvolvimento do setor. Entre os tipos elencados, o Turismo Religioso e o Turismo Étnico são categorias pertinentes à discussão do artigo. Para mais informações, consultar: Brasil. Ministério do Turismo. 2010. *Turismo cultural*: orientações básicas. 3ª edição. Brasília: Ministério do Turismo, 19-21.

principalmente em regiões que tiveram colonização germânica. Em Treze Tílias (SC), por exemplo, no mês de dezembro, a cidade promove a Festa de São Nicolau e Krampus[4]. Também em Santa Catarina, em Guabiruba, a Sociedade do *Pelznickel*[5] celebra uma tradição inventada muito parecida com aquela performada pelos *Tschäggättä* do Vale de Lötschen, em termos de caracterização dos personagens e performance. Mais pesquisas precisam ser feitas para se compreender melhor quais são as diferenças e proximidades entre comunidades brasileiras e germânicas no quesito de folclore e turismo religioso, e para analisar como se dá a repercussão midiática discursiva desses eventos.

Por acreditar que o artigo de Kuhn possa contribuir nos estudos brasileiros de religião, folclore e antropologia visual, optei por traduzi-lo, almejando três objetivos: 1) proporcionar um conteúdo especializado em língua portuguesa, de modo a direcionar a atenção para temas que carecem de mais pesquisa acadêmica; 2) convidar pessoas brasileiras, acadêmicas ou não, a pensarem criticamente na próxima relação que há entre comércio, turismo, folclore, religião e transculturalidade; e 3) favorecer um contato que instigue tanto a curiosidade pela cultura do Outro quanto um olhar crítico sobre a performance artística de "passeatas monstruosas", ditas tradicionais e mágicas.

4. *Krampus*, *Perchten*, *Pelznickel*, entre outros, são figuras do folclore natalino, comuns nas regiões alpinas. Embora pertençam a eventos celebrados em épocas diferentes, há similaridades na composição visual da fantasia e na performance desses personagens com os *Tschäggättä*, figuras carnavalescas de regiões também alpinas. Para estudos acadêmicos sobre *Krampus* e *Perchten*, consultar: 1) Natko, David. 2014 *Ritual Rebellion and Social Inversion in Alpine Austria*: Rethinking the "Perchtenlauf" in its Relationship to the Carnivalesque. Master of Arts – Arizona State University, 113 p.; 2) Rest, Matthäus e Seiser, Gertraud. 2018. The Krampus in Austria: A Case of Booming Identity Politics. *EthnoScripts*: Zeitschrift für aktuelle ethnologische Studien, v. 20, n. 1, p. 35-57.

5. Álisson Castro e Ilanil Coelho, em artigo publicado em 2015, discorrem sobre produção de sentido do folclore natalino, de origem alemã, e sobre o processo de estranhamento que o ritual dessa celebração vem passando. Para uma leitura mais aprofundada sobre *Pelznickel* no Brasil, consultar: Castro, Álisson Sousa; Coelho, Ilanil. 2015. Percursos de personagens natalinos da Europa para a América: entre familiaridade e estranhamento. *Métis*: história & cultura, v. 13, n. 27, p. 253-276, 2015.

RELÍQUIAS DO "VALE PERDIDO" – DISCURSOS SOBRE A MAGIA DAS MÁSCARAS[6]

Máscaras de madeira exercem um profundo fascínio por sua estética aparentemente arcaica. A disciplina de Estudos Folclóricos cedeu, também, aos seus encantos. O interesse acadêmico por máscaras de madeira pode ser atestado por meio do processo de documentação desse material, feita por pesquisadoras e pesquisadores de folclore e etnografia desde cedo. Pode-se até mesmo dizer que o foco em máscaras de madeira é aproximadamente tão antigo quanto a própria disciplina.

De acordo com a antiga perspectiva folclorista, as máscaras dos Alpes eram consideradas como objetos típicos de uma cultura popular anônima de áreas rurais e foram documentadas cientificamente pelos estudos folclóricos iniciais. Foi o anseio por relíquias de um "estado original" da cultura, mas também pela comparabilidade de objetos etnográficos de partes distantes do mundo, que formaram ideias científicas. Ainda hoje, a força desse anseio pode ser vista pela notável perpetuação do suposto passado antigo das máscaras e dos discursos mágicos nos rituais destas. A magia dos rituais é, então, um tropo permanente nas narrativas de máscaras de madeira, tanto em histórias locais quanto em interpretações científicas.

As máscaras carnavalescas de madeira da região do Vale de Lötschen[7], no cantão[8] de Valais, na Suíça, são amplamente conhecidas desde a sua "descoberta" por folcloristas, por volta do ano 1900. Durante a década de 1930, elas tornaram-se parte do repertório da cultura nacional de símbolos. O poder mágico desses objetos

6. Artigo originalmente publicado em 2015 em "The Ritual Year 10", anais da 10ª conferência da SIEF – *Société Internationale d'Ethnologie et de Folklore* (Sociedade Internacional de Etnologia e Folclore), realizada em setembro de 2014 na cidade de Innsbruck, Áustria.
7. "Vale de Lötschen" é a tradução para o nome alemão *Lötschental* e para o nome inglês *Lötschen Valley*. No decorrer do artigo, o autor emprega ora o termo em alemão, ora em inglês. Para a tradução, optei pela uniformização do nome como "Vale de Lötschen", a fim de evitar eventuais confusões. [nota da tradutora]
8. "Cantão" é o nome que se dá aos estados soberanos suíços. O cantão de Valais é composto de 13 distritos e fica ao sul do país, fazendo fronteira com a França e a Itália. Trata-se de uma região geograficamente elevada e irregular, cujo território é atravessado pelo rio Rhône, também conhecido como rio Ródano. Compreende, por exemplo, os Alpes valaisanos, a geleira Aletsch e os Alpes berneses. [nota da tradutora]

simboliza o vale e a comunidade local até hoje, especialmente porque as máscaras têm sido entalhadas e vendidas como *souvenir* turístico desde a década de 1950.

Primeiramente, apresentarei a procissão de rituais carnavalescos na região do Vale de Lötschen e suas figuras mais importantes, os *Tschäggättä*, com suas máscaras entalhadas. Em seguida, discutirei o poder das narrativas sobre a origem dessas máscaras, que vinculam contos populares a explicações científicas dos Estudos Folclóricos desde 1900. Por fim, o artigo apontará para a importância de artefatos culturais para as construções de identidade biográfica, bem como para representações coletivas. Ficará evidente como vários atores estão envolvidos na formação da imagem pública dessas máscaras do vale. Nas narrativas científicas e populares acerca delas, assim como nas imagens turísticas e autorrepresentativas atuais, a "magia da máscara" é um conceito importante que cultiva a vivacidade do ritual e a atenção do público durante as corridas[9] noturnas.

1. *Tschäggättä* — sobre as máscaras e o carnaval selvagem no "Vale Mágico"

O carnaval no vale católico de Lötschen começa no dia 2 de fevereiro e termina na noite anterior à Quarta-Feira de Cinzas. Os *Tschäggättä* [10] são os personagens mais famosos do carnaval de lá. Eles usam máscaras entalhadas de madeira com traços humanos, vestem vestidos velhos ao avesso e colocam grandes casacos de pele sobre os ombros, que são grotescamente suspendidos com enchimento, a fim de tornar suas aparências mais assustadoras. Eles amarram um enorme chocalho de gado[11] ao redor da barriga e, nas mãos, usam luvas de lã ao avesso. A máscara tem de 30 a 50 centímetros de altura; é feita de madeira de pinheiro, dispondo de uma camada de pelo que cobre a cabeça, e é pintada ou escurecida com a chama do fogo.

9. As corridas caracterizam a prática da procissão carnavalesca de máscara dessas regiões. [nota da tradutora]
10. Singular: *Tschäggätta*; plural: *Tschäggättä*. [nota da tradutora]
11. Em inglês, *cowbell* refere-se a um sino amarrado no pescoço dos animais para o auxílio de seu rastreamento em campo aberto. Em português, esse objeto pode ser referenciado como "chocalho de gado". [nota da tradutora]

IMAGEM 1
"Swiss Carnival Tschäggättä in the Lötschental Valley (VS)" (*Tschäggättä* do carnaval suíço no Vale de Lötschen, Valais). Disponível em: <https://www.swissvistas.com/tschaggatta.html>. Acesso em: 13 mai. 2021.

O design das máscaras é grotesco e horripilante, com elementos monstruosos e mórbidos, rostos desfigurados e figuras que refletem influências modernas de filmes de Hollywood ou música *hard rock*. Ainda que não haja nenhuma tipologia atual das máscaras do Vale de Lötschen, há dois posicionamentos distintos entre os quase 40 entalhadores de máscara ativos do vale: enquanto um grupo se orienta mais pelas máscaras tradicionais, o outro grupo é aberto às influências da sociedade contemporânea e incorpora inspirações de filmes de Hollywood ou da estética *hard rock* no design de suas máscaras (Chappaz-Wirthner e Mayor 2009).

O nome *Tschäggättä* provavelmente vem da palavra do dialeto suíço-alemão para "manchado"[12], que se refere a ovelhas malhadas de preto e branco e ao couro caprino. A origem da figura carnavalesca é desconhecida. Enquanto alguns mencionam conexões com performances teatrais no início da Era Moderna, outros citam lendas de habitantes do vale que realizavam invasões noturnas usando máscaras. De fato, restrições associadas à magia ainda se aplicam a essas figuras: os *Tschäggättä* até hoje não têm permissão para entrar em cemitérios ou igrejas, e há uma proibição do uso de máscara nos domingos que é rigorosamente imposta.

A Igreja originalmente rejeitou a corrida de máscara, o que também pode ser depreendido através dos relatos atuais; os habitantes mais velhos do vale ressaltam que eles nunca usaram uma máscara devido à sua crença católica. O ritual da máscara ocorre em grande parte de modo desorganizado. Nas noites de carnaval, grupos individuais vestem-se e colocam suas próprias máscaras ou as pegam emprestadas dos entalhadores. Em seguida, eles encontram-se e caminham pelo vale por horas. Majoritariamente, jovens solteiros do sexo masculino participam da corrida dos

12. Em inglês, *spotted* pode ter vários sentidos e traduções, mas, para o contexto em questão, optei pelo termo "manchado", pois está mais próximo da semântica evocada pelo autor e evita ambiguidade com o termo "malhado". [nota da tradutora]

Tschäggättä, mas, nos dias atuais, mulheres e homens casados também podem participar.

Ainda hoje, o ritual dos *Tschäggättä* desempenha um papel crucial para a identidade da maioria da população do Vale de Lötschen e, portanto, constitui um capital cultural que pode ser utilizado comercialmente. Um fator-chave aqui é o turismo de lá, que usa os *Tschäggättä* em suas campanhas de *marketing*, nas quais lhes são atribuídos um papel proeminente: cursos de entalhamento têm sido oferecidos desde 2012, e materiais de publicidade versam sobre o carnaval como um "ritual pagão no vale mágico" — as lendas sobre as origens misteriosas do ritual têm se tornado a espinha dorsal da proposta de *marketing* do vale inteiro. Um olhar retrospectivo para a história da pesquisa acerca das máscaras mágicas de Lötschen mostra o quanto elas recorrem a mais de 100 anos de antigos fragmentos discursivos.

2. Emblemas nacionais e circulações — o papel da magia nas narrativas sobre os *Tschäggättä*

As máscaras têm recebido muita atenção de vários lados por cerca de 120 anos (cf. Niederer 1970; Chappaz-Wirthner 1974). Máscaras entalhadas com traços humanos são comuns na região dos Alpes, mas também em outras partes da Europa ou do mundo. A região do Vale de Lötschen, porém, já era visitada por folcloristas e historiadores locais em busca de artefatos culturais originais perdidos por volta da virada do século XX.

A procura desses estudiosos por evidência de mitologias e complexas teorias de migração cultural nas máscaras (Seeberger 1974, 85-91; Bellwald 1999, 15-17) levou-os a nomear "fantasmas" e "almas dos ancestrais" como as origens dos rituais de máscara (Stebler 1898; Rütimeyer 1907; 1916; Meuli 1943; 1932/1933; Remy 1998). A partir disso, teorias foram derivadas, as quais viam as máscaras como resquícios de uma cultura pastoril, como relíquias de "origem pagã" que sobreviveram no "vale perdido"[13] (Chappaz 1975), como uma área de retiro cultural devido à sua seclusão.

O fundador de estudos folclóricos na Suíça, Eduard Hoffmann-Krayer, literalmente falou de um "vale abandonado pelo mundo"[14] (1897, 275). Essas projeções falharam em reconhecer que o Vale de Lötschen estava numa troca ativa e constante com seus arredores, já que funcionou como uma rota de trânsito e como um lugar de origem de mercenários no serviço militar estrangeiro. Isso é mais verificável ainda com a abertura do túnel transalpino de Lötschen (*Lötschberg*) em 1913; logo, só se pode falar muito estritamente de seclusão.

13. No original: "lost valley" (Chappaz, 1975). [nota da tradutora]
14. No original: "world-deserted valley" (Hoffmann-Krayer 1897, 275). [nota da tradutora]

O texto do padre do vale, de 1974, no qual é dito que as máscaras "foram trazidas ao vale pelo leste, pelos primeiros habitantes do vale em tempos pré-cristãos, chamados de povo alpino"[15] (Seeberger 1974, 9-10; ver também Siegen 1971, 44) quintessencialmente prova o quanto as "amarras ao primordial"[16] (Jeggle 1992, 620) foram efetivas na segunda metade do século XX. A suposta idade das máscaras e a origem atribuída a tempos pré-históricos distantes foram argumentos centrais no discurso sobre as máscaras. A aparência arcaica e a magia que emana dos objetos influenciaram as interpretações de um modo a-histórico.

Embora a aparência das máscaras sugira uma origem antiga, o primeiro sinal comprovado de seu uso é uma proibição explícita delas em 1865 (Niederer1970, 282; Seeberger 1974, 86; Bellwald 1999, 21-23). Todos os outros recuos cronológicos são pura especulação. Entretanto, as interpretações dos rituais de máscara como resquícios de rituais místicos antigos demonstram uma notável estabilidade e persistência. Em reportagens jornalísticas anuais, por exemplo, podemos ler que a tradição do entalhamento de máscara tem sido repassada por séculos em famílias (Cramer 2010) e, em livros populares, os *Tschäggättä* são apresentados como fantasmas que emergem do interior da Terra (Carrera e Grezet 1981, 126).

As interpretações a respeito da idade e do significado das máscaras de madeira que originalmente vieram de fora do vale são agora comuns entre os habitantes; eles consideram suas máscaras "como antigas e 'pagãs', como símbolos de fertilidade e de cultos de expulsão do inverno ou de espíritos incorporados dos mortos"[17] (Bellwald 1999, 54). A alta virulência de tais interpretações indica que a identidade cultural dos habitantes do vale é fortemente influenciada por esses discursos — independentemente do fato de que esses referenciais dificilmente resistem à crítica de historiadores e cientistas culturais. Nos dias atuais, tal crítica é ainda veementemente rejeitada, como, por exemplo, num livro de um historiador local:

> Nós queremos continuar a preservar essa tradição, conforme ela nos tem sido legada. [...] Nós, povo do Vale de Lötschen, acreditamos no legado de nossos ancestrais e não podemos ser desviados pela ciência. Mesmo os *Tschäggättä* não nasceram depois do Big Bang de etnólogos e pesquisadores. Esse gene mágico nasceu no Vale de Lötschen, não na mesa deles.
>
> (Bellwald 2013, 496, tradução nossa)[18]

15. No original: "have been brought to the Valley from the east by the first inhabitants of the Valley in pre-Christian times, the so-called Alpine people" (Seeberger 1974, 9-10; ver também Siegen 1971, 44). [nota da tradutora]
16. No original: "constraint to the primal" (Jeggle 1992, 620). [nota da tradutora]
17. No original: "as ancient and 'pagan', as symbols of fertility and winter expulsion cults or embodied spirits of the dead" (Bellwald 1999, 54). [nota da tradutora]
18. No original: "We want to continue to preserve this tradition, as it has been handed down to us. [...] We people from the Lötschen Valley believe in the legacy of our ancestors and can not be mislead by science. Even the *Tschäggättä* are not born after the Big Bang

Aqui, hierarquias de conhecimento estabelecidas há muito tempo são explicitamente rejeitadas com base nas interpretações locais. Raramente é reconhecido o quanto esse conhecimento local é baseado em antigas interpretações científicas.

O quanto esses discursos de origem tornaram-se autorrepresentações é visível no campo da cultura popular, no qual a magia dos *Tschäggättä* desempenha um papel importante. Uma edição de uma série francesa de história em quadrinhos, *Les chemins de Malefosse* (Dermaut e Bardet 1991), se passa no Vale de Lötschen medieval, onde há uma bruxa e bandidos com máscaras de madeira. Encontramos histórias similares em sites e filmes (cf. Rieder 2002) que tratam dos *Tschäggättä*. Aqui, temos tanto a aderência à ideia de uma tradição antiga postulada quanto à invenção de novos mitos (Kuhn 2014).

Com a nova mídia na internet, vídeos na plataforma online YouTube desempenham um papel importante na disseminação de fragmentos de histórias sobre os *Tschäggättä*. A maioria desses vídeos tem o objetivo de evocar medo e respeito a essas figuras. No curta-metragem *Lötschägättal*, de fevereiro de 2012, com sua trilha sonora fantasmagórica e intimidante, há intertítulos[19] entre as gravações de quem veste as máscaras, que relatam que os *Tschäggättä* protegem o vale deles e que afastam espíritos malignos; e, desse modo, eles supostamente "não conhecem misericórdia"[20] (Thöni 2012).

Até no curta-metragem *Les Tschägätta, monstres masqués du Lötschental*, de 2012, figuras mascaradas correm descendo a ladeira da montanha com neve ao som profissional de filme de horror e caminham por vilas desertas, acometidas de medo (Armand 2012). Um projeto de filme atual também brinca com a magia do vale e a mitologia ao redor dos *Tschäggättä*: uma jovem botanista "faz uma jornada ao desconhecido no fim do século XIX [...] Mas, durante sua jornada, a montanha mostra seu lado oculto, os *Tschäggättä*"[21] (Costas 2014). O que é marcante nessas produções de cultura popular sobre a origem das máscaras é o fato de que a magia — em diferentes formas — sempre desempenha um papel principal. E essas produções continuam a moldar as interpretações sobre os *Tschäggättä* da mesma forma para o público e para o vale.

---

of ethnologists and researchers. This magical gene was born in the Lötschen Valley and not on their table." (Bellwald 2013, 496) [nota da tradutora]

19. Intertítulo, também conhecido como entretítulo, é, segundo o dicionário Michaelis, "um trecho curto, composto em corpo menor e colocado no meio do título de uma matéria jornalística" (disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/entretítulo/>. Acesso em: 13 mai. 2021). [nota da tradutora]

20. No original: "know no mercy" (Thöni 2012). [nota da tradutora]

21. No original: "undertakes a journey into the unknown at the end of the 19th century [...] But during her journey, the mountain shows its hidden face, the *Tschäggättä*" (Costas 2014). [nota da tradutora]

3. Objetos para a identidade de um vale da montanha

Desde a década de 1940, as múltiplas interpretações das máscaras no vale têm sido acrescidas de um interesse gradual da comunidade externa. Esse interesse não é mais primariamente científico ou etnográfico, mas também atribui às máscaras uma função emblemática (Antonietti 2011, 18), que pode ser usada pela indústria do turismo. Foi assim que surgiu um mercado para máscaras de *souvenir* na década de 1950. Os entalhadores foram, então, confrontados com novas demandas, às quais eles reagiram de maneira flexível: as máscaras foram gradativamente padronizadas e fabricadas em miniatura, o que possibilitou a transformação de máscaras grandes, usadas no rosto, em máscaras pequenas, de *souvenir*, para serem penduradas na parede.

Além disso, as máscaras não mais eram entalhadas individualmente; peças em branco foram criadas, e as etapas do trabalho foram divididas de modo que elas pudessem ser parcialmente entregues aos atacadistas para finalização posterior. Às vezes, fresamento por cópia[22] também foi empregado, viabilizando a produção de várias máscaras idênticas. A fim de ainda acrescentar a aura do trabalho artesanal às máscaras, as peças em branco pré-fabricadas por máquina eram subsequentemente entalhadas manualmente. Além dessa racionalização na produção protoindustrial, há também evidência de mudanças estéticas, que gradualmente uniformizaram as máscaras. Somente com esses processos de mudança na produção desse objeto cultural, as máscaras de madeira do Vale de Lötschen puderam ser também produzidas e vendidas como "máscaras regionais de Valais" em vales distantes.

Conectado a esse repertório altamente carregado de capital simbólico, um verdadeiro programa de imagens foi criado, que também é conhecido por outros rituais atrativos visualmente similares, tais como o bávaro-austríaco *Krampus* ou *Fastnacht* ao sul da Alemanha. As máscaras dos *Tschäggättä* adornaram selos do *Swiss Post*[23], em 1977, e o cartaz de campanha, de 2009, que foi lançado depois da inauguração do túnel de base *Lötschberg*. A agência de publicidade responsável usou máscaras dos acervos locais e brincou ironicamente com os fortes mitos de origem e os estereótipos regionais existentes, ao promover o slogan: "Descubra os povos da terra[24]".

22. Fresamento por cópia é o nome que se dá a uma operação industrial que utiliza uma ferramenta cortante para imprimir determinadas formas às peças. [nota da tradutora]
23. *Swiss Post* é o nome do correio nacional da Suíça. [nota da tradutora]
24. Em inglês, de acordo com o dicionário Cambridge, o adjetivo "earthy" pode denotar a característica de: 1) algo de cunho sexual; 2) algo com característica terrestre; 3) algo que é direto e mundano. Conforme o dicionário Merriam-Webster, "earthy" pode significar, também, algo que não tem sofisticação. A expressão "earthy people", por sua vez, pode aludir tanto a "povos da terra" quanto a "povos grosseiros" ou "povos vulgares". [nota da tradutora]

O fato de que essa descrição foi bem recebida não somente pela própria população do vale mostra que há interpretações concorrentes sobre o que é a máscara do Vale de Lötschen. Contudo, não é somente a população de lá que formula interpretações; percepções externas de uma longa tradição também o fazem. Mesmo que agora outros atores estejam envolvidos nessa representação arcaizante, os entalhadores locais brigam para manter sua posição no estabelecimento da imagem dos *Tschäggättä* ao constantemente expandirem, negociarem e debaterem os limites do que constitui uma máscara do Vale de Lötschen "de verdade". Pode-se encontrar hierarquias dentro da comunidade do vale, que se manifesta em posições de poder altamente competitivas no que tange ao contato com as várias mídias. Alguns entalhadores conscientemente ocupam um papel ativo na representação do ritual da máscara e atuam como verdadeiros guardiães. Eles são protagonistas em reportagens, têm seus próprios sites, aconselham equipes de filmagem e representam, com suas máscaras, o ritual inteiro a nível iconográfico.

4. A magia das máscaras como uma narrativa dinâmica

As interpretações do ritual mitificante, no caso das máscaras de madeira do Vale de Lötschen, são de uma concisão impressionante e datam de muito tempo. Nesses discursos que circulam, a magia e a origem misteriosa das máscaras aparecem constantemente num passado obscuro e distante. Isso é devido a antigas interpretações acadêmicas do ritual. É interessante o fato de que essas interpretações foram apoiadas subsequentemente pela população do vale e pelos entalhadores de máscara desde meados do século XX. Logo, não podemos simplesmente assumir que essas interpretações voltaram ao vale e transformaram as máscaras em um ritual ideologicamente fixo; em vez disso, encontramos desenvolvimentos e adaptações autônomas que são negociadas e representadas em diferentes fóruns, surgindo em novas variações.

Essa autorrepresentação estabelece relações distintivas com narrativas mais antigas, nas quais a magia das máscaras e as teorias de origem pagã figuram como argumentos centrais para a identidade coletiva do vale. Uma maneira de lidar com essa suposta magia das máscaras são as contínuas negociações sobre a estética delas. As pessoas estão constantemente tentando definir como um verdadeiro *Tschäggätta* tem que se comportar e parecer, além de discutirem sobre a demarcação das fronteiras dessas figuras selvagens (Chappaz-Wirthner 2010). Esses limites são ainda mais contestados, precisamente porque não se tem uma organização dessas sociedades carnavalescas nem uma formalização desses cenários ou tipos de máscara.

Uma abordagem diferente das tradições narrativas da "magia" é a reviravolta, parcialmente irônica, da forte necessidade dos mitos. Isso vem sendo direcionado de um jeito criativo e inovador; desse modo, não somente desmascara alegações mágicas, mas também aponta para uma vivacidade notável do ritual e respectivas máscaras. Estas, portanto, ilustram processos de negociação de frágeis identidades comunitárias nas regiões alpinas fronteiriças. As narrativas sobre máscaras mágicas referenciam ambivalências entre a capacidade autônoma de atuar e a representação passiva, que são consideravelmente relevantes para a área de estudos culturais.

TRADUÇÃO
Kuhn, Konrad J.

Andressa Furlan Ferreira

REFERÊNCIAS

Antonietti, Thomas. 2011. Alte Felder – neue Fragen. In *Alpenland: Terrain der Moderne*, ed. Marius Risi. Münster: Waxmann, pp. 13–23.

Armand, Pierre. 2012. *Les Tschägätta, monstres masqués du Lötschentall*. Film, Color. 19.2.2012. http://youtu.be/pSn4kNlooKo (Date of access: 9.10.2014).

Bellwald, Ignaz. 2013. *Tschäggättä. Ein Geheimnis bleiben sie. Die Gesellen und ihre Bräuche im Lötschental*. Kippel: Kulturverein.

Bellwald, Werner. 1999. *Alte Masken aus dem Lötschental: Fastnachtsmasken aus der Sammlung des Rietbergmuseums*. Zürich: Museum Rietberg.

Carrera, Roland, Grezet, Jean-Jacques. 1981. *Unser Handwerk einst und jetzt. Bd. 2*. Lausanne: Mondo.

Chappaz-Wirthner, Suzanne and Grégoire Mayor. 2009. Les Tschäggättä en scène: débats sur l'esthétique du masque parmi les sculpteurs du Lötschental. *ethnographiques.org* 18. http://www.ethnographiques.org/2009/Chappaz-Wirthner,Mayor2 (Date of access: 9.10.2014).

Chappaz-Wirthner, Suzanne. 1974. Les masques du Lötschental: Présentation et discussion des sources relatives aux masques du Lötschental. *Annales valaisannes* 49: 3–95.

Chappaz-Wirthner, Suzanne. 2010. Der Yeti und die Tschäggättä: Imaginäre des Ursprungs im Lötschental. In *Helvetia Park*, eds. Marc-Olivier Gonseth, Yann Laville, Grégoire Mayor. Neuchâtel: Musée d'ethnographie, pp. 329–338.

Chappaz, Maurice. 1979. *Lötschental. Die wilde Würde einer verlorenen Talschaft*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp.

Costas, Melina. 2014. *Tschäggättä*. Film-Project. https://wemakeit.com/projects/tschaggatta (Date of access: 12.9.2014).

Cramer, Nico. 2010. Schauriges Maskenfest im Lötschental. *Merian* Juni, http://www.merian.de/magazin/schweiz-schauriges-maskenfest-imloetschental.html (Date of access: 12.4.2012).

Dermaut, Daniel, Bardet, François. 1991. *Les Chemins de Malefosse: Tschäggättä*. Grenoble: Glénat.

Hoffmann-Krayer, Eduard. 1897. Die Fasnachtsgebräuche in der Schweiz. *Schweizerisches Archiv für Volkskunde* 1: 47–57, 126–142, 177–194, 257–283.

Jeggle, Utz. 1992. Sitte und Brauch in der Schweiz. *Handbuch der schweizerischen*

Kuhn, Konrad J. 2015. "Tschäggättä" im Internet – Repräsentation und Normierungen in medialen Diskursen über einen Fastnachtsbrauch im Lötschental (Wallis, Schweiz). In *Bräuche: Medien: Transformationen. Zum Verhältnis von performativen Praktiken und medialen (Re-Präsentationen)*, eds. Gabriele Wolf, Daniel Drascek. München. (Forthcoming).

Meuli, Karl. 1932/1933. Maske, Maskereien. In *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, eds. Hanns Bächtold-Stäubli, Eduard Hofmann-Krayer. Berlin: de Gruyter, pp. 1743–1851.

Meuli, Karl. 1943. *Schweizer Masken*. Zürich: Atlantis.

Niederer, Arnold. 1970. Masken. In *Volkskunst in der Schweiz*, ed. René Creux. Paudex: Ed. de Fontainemore, pp. 281–286.

Remy, John M. 1998. Leopold Rütimeyer and the discovery of the "geschulten Diebe", a legendary masked "Männerbund" of the Lötschental. *Traverse* 1/5: 126–140.

Rieder, Bernhard. 2002. *Tschäggättä – Sagen und Geschichten: Fürchte dich, denn sie kommen!* (Black Edition), DVD, Color, Saga Pictures. www.loetschental.ch/?id=35&shop_category_id=12 (Date of access: 9.10.2014).

Rütimeyer, Leopold. 1907. Über Masken und Maskenbräuche im Lötschental (Kanton Wallis). *Globus* 91: 201–204, 213–218.

Rütimeyer, Leopold. 1916. Über einige archaistische Gerätschaften und Gebräuche im Kanton Wallis und ihre prähistorischen und ethnographischen Parallelen. *Schweizerisches Archiv für Volkskunde* 20: 283–372.

Seeberger, Marcus. 1974. *Menschen und Masken im Lötschental*. Brig: Rotten.

Siegen, Johann. 1971. *Das Lötschental. Ein Führer für Touristen*. Lausanne: Ed. des Terreaux.

Stebler, Friedrich Gottlieb. 1898. Fastnacht im Lötschental. *Schweizerisches Archiv für Volkskunde* 2: 178.

Thöni, Andreas. 2012. *Lötschägättal*. Film, Color. 21.2.2012. http://youtu.be/uLLsxWFSzF8 (Date of access: 9.10.2014).

Volkskultur, Bd. 2, ed. Paul Hugger. Basel, Zürich: Offizin, pp. 603–628.

Konrad J. Kuhn é Professor Doutor do Instituto de História e Etnologia Europeia da Universidade de Innsbruck, na Áustria. E-mail: konrad.kuhn@uibk.ac.at

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 22/05/2021
Reapresentado: 22/11/2021
Aprovado: 24/11/2021